

de necessidade. Embora seja em parte verdade, não é toda a verdade. Ninguém buscaria a comida fora de casa se dentro de casa a encontrasse. Nosso povo não está apenas carente de justiça social, mas tem outra carência, fome do Evangelho, de Deus.

Diante disto é urgente, urgentíssimo o investimento na formação dos agentes de uma evangelização da família tanto a nível de hierarquia como a nível dos leigos. A missão da evangelização é missão de todos os cristãos católicos, começando pela prioridade do formar agentes conscientes, preparados na fé, na vida, convertidos e comprometidos através de uma autêntica pastoral familiar.

Não há como questionar a evangelização da família como sendo a prioridade das prioridades na Igreja

Se Deus pensou de modo muito concreto o seu projeto salvífico sobre o fundamento da família, se Cristo a elevou a graça e lugar de santificação pelo matrimônio cristão, não há como questionar a evangelização da família como sendo a **prioridade das prioridades** na Igreja. E essa evangelização só pode acontecer no momento em que nos preocuparmos pela formação sólida de novos agentes da pastoral familiar, convertidos e apaixonados por aquilo que pregam e em que crêem. Só aqui começaremos a dar base a uma sólida evangelização através da pastoral familiar, que partirá primeiro da formação da criança e do jovem que formarão as famílias de amanhã.

A família como o grande projeto de Deus, de Cristo e da Igreja, deverá sempre mais ser a opção prioritária da nova evangelização, hoje e sempre. *“É preciso empregar todas as forças para que a pastoral familiar se firme e se desenvolva, dedicando-se a um setor verdadeiramente prioritário, com a certeza de que a evangelização no futuro depende, em grande parte, da Igreja doméstica”* (FC 65; cf DP 438 e SD 200.210)

BIBLIOGRAFIA:

- DURAND, Guy, *“Sexualidade e Fé”*, Ed. Loyola, 1989
MONTEOLIVA, José M., *“Diálogo”*, Ed. Loyola, 1991
BUSCAGLIA, Leo, *“Amando uns aos outros”*, Ed. Record, 1984
POWEL, John, *“O segredo do amor eterno”*, Ed. Crescer, 1983
GONÇALVES, Ernesto, *Família, Claro e Escuro*, Ed. Paulinas, 1990
EVDOKIMOV, Paul, *“O Sacramento do Amor”*, Ed. Paulinas, 1989
Documentos do Magistério, citados por siglas:
GS = *Gáudium et Spes*, do Vaticano II
DP = Documento de Puebla SD = Documento de Santo Domingo
FC = *Familiáris Consórtio*, de João Paulo II
MD = *Mulieris Dignitatem*, de João Paulo II
CA = *Centésimus Annus*, de João Paulo II

endereço do autor:
ITESC - cx postal 5041
88040-970 Florianópolis, SC

PATERNIDADE-MATERNIDADE RESPONSÁVEL

Dom Eusébio Oscar Scheld, SCJ
Arcebispo Metropolitano de Florianópolis

I. POR QUE TRATAMOS DESTE ASSUNTO

Entre as muitas razões que nos movem, tendo, inclusive, em vista a Campanha da Fraternidade de 1994, apontamos apenas algumas:

1. RAZÕES DE ORDEM NEGATIVA

A insegurança

Nota-se, cada vez mais, uma generalizada e assustadora insegurança, especialmente dos jovens, diante do Matrimônio.

Pergunta-se sobre a realidade, sobre o realismo do amor

Esta insegurança tem como origem uma série de causas externas, tais como: habitação, subsistência condigna, trabalho, salário, higiene e saúde, a angústia mundial, a situação política e cultural... Muitos autores que escrevem sobre a família atribuem a dissolução de tantas famílias jovens apenas, ou quase *exclusivamente*, a essas situações insustentáveis de ordem meramente externa ⁽¹⁾.

Mas esta insegurança tem, por certo, raízes muito mais profundas: no íntimo mais íntimo das pessoas em causa. A própria

escolha definitiva e irreversível de um ou de uma consorte para a vinculação vital, parece limitar o campo quase infinito das opções, frustrando ou até tolhendo a liberdade. Pode ser bom e desejável o que me limita, porquanto “escolher é limitar-se”?

Pergunta-se sobre a realidade, sobre o *realismo do amor*. Este tão decantado amor em que consiste, afinal? Será que existe DE FATO e duradouramente? Os desquites, divórcios, as separações e traições à fidelidade parecem evidenciar o contrário... Qual será, em última análise, a razão de ser do verdadeiro amor e as causas do seu fracasso? Parece questionável a construção de uma vida sobre base tão frágil e misteriosa... pois o amor humano é realidade frágil e sujeita a insídias ⁽²⁾.

Confusão e dúvida

Ligada a esta insegurança de ordem intelectual, psicológica, ideológica e espiritual, surge uma enorme confusão e dúvida quanto à relação existente entre amor-sexo-fecundidade, fertilidade e genitorialidade. Não raro, o amor parece restringir-se ao mero intercâmbio sexual que constantemente vem agredido pela “ameaça” de uma eventual gravidez...

Fecundidade, potência geradora, parecem contrariar a verdadeira felicidade na vida do amor, assim pensam não poucos.

Ademais, o relacionamento conjugal, ordinário e freqüente, aparenta desgastar a própria “originalidade” do amor: já não se

sente o mesmo atrativo, a mesma afetividade, a mesma "paixão" pela pessoa amada. Desgasta-se, com o tempo... Vira rotina.

Em semelhante ambiente ou psicologia de confusão, seria o maior desatino, a maior aventura, estabelecer aliança definitiva de amor com alguém. Desaparece o casamento como um IDEAL, na vida de muitos e, em seu lugar, surge o chamado "amor-livre", o concubinato, o "amantismo". Perguntam os jovens: Por que correr o risco de ser infeliz por toda uma existência? Por que entrar num túnel cujo termo não vejo e nem posso imaginar? ⁽³⁾

Medo

Insegurança, confusão e dúvida geram o *medo*. Por um lado percebe-se, conaturalmente, e se aprecia a beleza da vida de amor, da vida familiar. Por outro lado, paira a constante ameaça de que essa beleza, esse encanto venham a depauperar-se e a desaparecer ao embate do eterno cotidiano, da dor, do sofrimento. Haverá lugar para o peso da cruz, haverá espaço possível para o sofrimento, na vida do amor? O amor parece em constante perigo!

Sabem muito bem os jovens que seu amor afeta outras pessoas

A sociabilidade que afeta outras vidas

Dentro desta já enorme problemática do amor-liberdade-incerteza-medo, ainda se infiltra a possibilidade de outras vidas que venham a vincular-se, como que intrometer-se, na vida-a-dois.

Sabem muito bem os jovens que seu amor afeta outras pessoas, quer esse amor os conduza à felicidade, quer à desgraça.

Sentimos o peso da SOCIABILIDADE, que não nos permite sermos *ilhas* em meio a um mar de colegas, companheiros, irmãos... Não se consegue, embora se queira, descartar a possibilidade de NOVAS VIDAS que venham a surgir como consequência dos relacionamentos de amor e da potência geradora, inerente a ele. Surge, para muitos, desejosos de amor livre e descompromissado, o verdadeiro *pavor dos filhos*. Parecem seres nocivos, importunos e indesejáveis num contexto de amor-sexo, de liberdade sem fronteiras.

Mundo de permissividade

Dentro de um mundo de *permissividade* quase absoluta, aparece, sustentada e alimentada por múltiplos interesses materiais, apregoada como ideal pela maioria dos MCS, a oferta-procura de todo tipo de contraceptivos, simplesmente "para anular a fertilidade e, assim, liberar a sexualidade" ⁽⁴⁾. Crê-se, ingenuamente, ter aberto, assim, espaço para uma vida de amor sem conseqüências indesejáveis. Quando os anticoncepcionais, por motivos de saúde ou outros, já não franqueiam o caminho do prazer e da paixão... ainda resta a evasiva do *aborto*, contra a gravidez inoportuna. A sombra negra do aborto envolve o nosso planeta como a maior vergonha, a pior chaga e o maior crime do nosso século.

2. RAZÕES DE ORDEM POSITIVA

Ideal de vida familiar no Plano de Deus

Creemos firmemente na palavra do Papa João Paulo II, que nos exorta a construirmos a base da Humanidade e da Igreja sobre a família ⁽⁵⁾.

Para que isso aconteça, temos de lutar pela família, não apenas como um dado sociológico, mas enquadrá-la no *plano de Deus*, na visão de Igreja, com as exigências morais e espirituais que regem a vida familiar. Paternidade-maternidade responsável é imprescindível sem uma *séria preparação* para a vida de amor,

para a vida familiar, sem a visão exata da sexualidade e da fecundidade. Incluir, outrossim, a aceitação livre e consciente dos filhos como "o dom mais excelente do Matrimônio" ⁽⁶⁾, a educação e acompanhamento dos mesmos em seu crescimento "em idade, graça e sabedoria diante de Deus e dos homens" (cf Lc 2,52).

Além disso, não podem ser preteridos, na vida dos casais, os novos relacionamentos que a vida familiar possibilita e exige, com os demais parentes e com a comunidade em que estão ou vão ser inseridos.

Valor da pessoa

Não podemos tolerar que jovens idealistas, pais sensatos e bem intencionados, sejam transformados em *joguetes de interesses escusos*, de *opiniões* ou *ideologias* da moda, de impulsos repentinos e descontrolados. A pessoa humana tem valor absoluto em si mesma e, como tal, vai encarada pela Pastoral Familiar, abstraindo de leis ou decretos posteriores à família, não raros contrários e nocivos a ela. Fazemos referência explícita ao divórcio, ao concubinato e ao aborto.

Paternidade-maternidade responsável é um processo gradual

Processo lento e gradativo

Estamos cientes de que paternidade-maternidade responsável é um processo gradual, geralmente lento, que vem se consolidando desde a catequese, passando por preparação e esclarecimento sério para o namoro, desembocando numa preparação para a vida familiar que não seja apenas de prescrição e rotina, mas, participada com interesse, amor e boa vontade. A responsabilidade recebe um grande impulso nesta fase de preparação *imediate* para o Matrimônio.

Sabe-se da boa vontade de tantos e tantos jovens, desejosos de se prepararem condignamente para o casamento, para a vida familiar, mas que se sentem impotentes diante das forças negativas que tentam subtrair-lhes qualquer idealismo. Há que ajudá-los!

Libertar para o amor

Um casal somente superará a insegurança, a perplexidade, o medo, a onda da permissividade e do "amor livre" quando se *libertar*, decidida e definitivamente, *para o amor*, mediante a paternidade e a maternidade responsável que lhe revelará todo o valor, o preço da pessoa humana em si mesma e no seu relacionamento "familiar". É o que iremos ver a seguir.

II. CONCEITO DE PATERNIDADE-MATERNIDADE RESPONSÁVEL

1. Toda paternidade deriva do Pai celeste (cf Ef 3,15). Somente nele se fundamenta e dele se origina o que chamamos de "paternidade" sobre a terra. O mesmo se deve dizer da "maternidade".

Deus, criando o homem e a mulher "à sua imagem e semelhança" (Gn 1,26), colocou neles algo de sua própria "essência", que é o AMOR mais amplo e englobante possível (cf 1Jo 4,8 e 16).

Este amor é uma realidade de VIDA, de difusão de si mesmo, de doação e de "enriquecimento" recíproco que se manifesta sob a forma de VIDA FAMILIAR de amor.

É um amor fecundo, sempre fecundo, ativo, comunicativo, intencional e livre. Isto faz com que exista - desde sempre - um Pai e um Filho, num clima e Relacionamento de Amor. Essa suprema realidade é um mar de luz, de alegria, de "realização" pessoal, de anelo de comunicação. Cada Pessoa Divina "se realiza"

na infinita proporção de doação total às outras. É nisto que se manifesta a própria identidade da Trindade, a sua característica pessoal.

A realidade divina de vida, de doação, de alegria e amor não se fecha em si mesma, mas se abre "para fora", exorbita, através da obra criadora. A criação comunica a "fecundidade de Deus", desabrochando em outros seres com a "estampa" divina, seres parecidos com Ele. É a comum-ação (comunicação) das Três Pessoas de contagiarem a outras, de imantarem a outros seres com a própria riqueza interior. "E tudo isto era muito bom", nos repete o autor do Livro das Origens (cf Gn 1). Cada Pessoa divina imprime nas criaturas algo da própria e respectiva "personalidade". Isto acontece, especialmente, nas criaturas racionais: nos anjos e nos homens. Ecoa no homem e na mulher, vibra, grita neles o apelo da paternidade, a docilidade da filiação, a simpatia do relacionamento amoroso.

A realidade divina de vida, de doação, de alegria e amor não se fecha em si mesma

2. Deus participa essa sua riqueza interna ao homem-mulher de maneira livre e "pensada". A Família Divina como que se recolhe em "conselho" para avaliar a obra criadora do homem, "muito boa" (Gn 1,31) e decide associar a si um casal humano. Quando o homem-mulher viessem a existir, estariam necessariamente integrados nesta obra de amor. Deus - Pai, Filho, Espírito de Amor - criam o homem e a mulher mediante uma "decisão, um diálogo trinitário": "FAÇAMOS o homem à nossa maneira de ser e de agir (imagem e semelhança) PARA QUE..." (Gn 1,26). É um plano responsável de harmonioso compromisso - FAÇAMOS (fizeram) - PARA QUE! De acordo com esta "deliberação" (ação livre e conjunta), eles criaram o homem, capacitado PARA o plano de realizar no mundo A SUA IMAGEM E SEMELHANÇA, transmitindo-lhe uma "parcela" (participação) de seu poder gerador ou criador. É por isso que despontam no Éden como HOMEM E MULHER, livres, sentimentais, inteligentes e amorosos. No diálogo que, na aurora da História, Deus estabeleceu com eles, claramente o expressa: "Abençoou-os e lhes disse: SEDE FECUNDOS E MULTIPLICAIVOS" (Gn 1,28). Até parece que a bênção é para esta finalidade e é condicionada por ela...

Deus constituiu-os pontífices do universo, submetendo-lhes tudo o mais

O livro do Eclesiástico (Sirácida), numa experiência e reflexão posterior, acrescenta pensamentos de grande valor:

"Da terra o Senhor formou o homem; Revestiu-o de FORÇA, feito à sua imagem e semelhança... Eles receberam o uso das cinco OPERAÇÕES do Senhor. Deu-lhes também o sexto dom, a INTELIGÊNCIA, concedida em partilha. Deu-lhes ainda o sétimo dom, a PALAVRA, como intérprete das mesmas operações. Encheu-os da ciência e inteligência e mostrou-lhes o BEM e o MAL. Deu-lhes DISCERNIMENTO, língua, olhos, ouvidos e um CORAÇÃO... para pensar. Infundiu neles o TEMOR nos corações para lhes mostrar a grandeza de suas obras. Deu-lhes a condição de se GLORIAREM das maravilhas de Deus, operadas neles. Entregou-lhes, por HERANÇA, a lei da VIDA, firmando com eles uma ALIANÇA eterna!" (Sir 17,1-14)

Em vista do exercício pleno e alegre dessas variadas funções divinas do homem e da mulher, Deus constituiu-os pontífices do universo, submetendo-lhes tudo o mais:

"Subjugai a terra! Dominai! Eu vos dou todas as coisas criadas" (cf Gn 1,28-31).

Este domínio e posse, por parte do casal humano, só tem sentido em vista do exercício destas funções "pontificais". Sempre estão em vista do bem universal da criação, jamais para a satisfação ou prazer pessoais.

Paternidade-maternidade responsável implica um amadurecimento nas diversas dimensões do AMOR

3. Já as próprias características e faculdades, com que Deus dotou o homem e a mulher, se destinam, todas elas, ao exercício de uma plena e continuada resposta ao Pai, ao Filho e ao Relacionamento de Amor: sexo, fecundidade, coração, inteligência, vontade, discernimento, poder, domínio, operações variadas, sentimentos, temor...

Exatamente nisto o casal encontra o direito de se UFANAR e a possibilidade de ser agradecido a Deus "pelas maravilhas operadas nele", casal, e a operar através dele.

Deus exprime isso através de imperativos indiscutíveis e absolutos: "SEDE FECUNDOS... DOMINAI... MULTIPLICAIVOS!"

O Criador, assim determinando, não age arbitrariamente ou despoticamente, mas de acordo com o seu infinito amor e sabedoria. Ele conhece o homem em seus segredos mais íntimos, em sua constituição, nas ressonâncias do seu coração. Nada de oposto, de ofensivo, de contrário ao homem e à mulher como obra carinhosamente saída de suas mãos. É esta obra que o Artífice dirige, dentro de um plano, para atingir os objetivos pré-estabelecidos.

"Só um sábio pode ordenar", isto é, conduzir àquele fim que está inserido em sua própria natureza. Algo não é BOM para a família humana porque Deus manda, mas, ao contrário, Deus somente manda PORQUE SABE E CONHECE O QUE É BOM para ela.

Desta forma, Deus apenas explicita o que já é pedido pela própria natureza do homem, o que o homem deve fazer conaturalmente. O Sirácida fala, como vimos acima, de "aliança eterna, de julgamento, de precauções, de mandamentos" e o livro do Gênesis, de "ordens": "PODEIS... NÃO DEVEIS... SE O FIZERDES... PRECAVEI-VOS!"...

Essas ordens ou alianças, quando co-responsavelmente cumpridas, são condições de felicidade, de alegria e realização. A traição destas "alianças" acarreta toda sorte de conseqüências negativas: tristeza, oposição frontal homem-mulher, sofrimentos internos e externos, solidão e fuga, remorso, medo, violência e fratricídio, a própria morte... Tudo isto se origina na falta de responsabilidade da família humana pelo que lhe é pedido por natureza e por missão divina no mundo. Deus é muito bom em dizer ao homem o que convém fazer... para não ser infeliz, desordenado, perdido no tempo e no espaço.

4. Partindo desses conceitos básicos, de natureza teológica e espiritual, chegamos à conclusão de que, em primeiro plano, paternidade-maternidade responsável implica um amadurecimento nas diversas dimensões do AMOR. Só este amadurecimento no Amor possibilita ao casal a descoberta e atuação do plano de Deus para toda a Humanidade: homem e mulher, dotados da potência geradora. Concentra-se o ideal de toda a Humanidade

naquela família. Conta, somente ela, naquele momento e naquele lugar. Passa a ser centro da História que tem Deus por origem e fim último. O casal vai abastecer-se, abeberar-se na própria fonte do AMOR-FAMÍLIA: Pai, Filho e Troca de Amor!

Como Deus, o casal se realiza e se consuma (sem se consumir) na doação recíproca que tem, como primeiro efeito, o aperfeiçoamento, o enriquecimento do outro. Não é fusão ou absorção: cada um ama, venera, respeita e aceita a riqueza do outro como integração (inteiração) da própria riqueza pessoal, nascendo daí uma grande UNIDADE e HARMONIA de vida. Cada um se encontra, se descobre, se valoriza no outro: "São dois numa só REALIDADE" (cf Gn 2,24).

Valorizar é responsabilizar-se e responsabilizar-se é valorizar

Desta forma, não há choques, oposições, imposições, reclamos de autonomia, violência... pois tal amor levará, espontaneamente, para a plena liberdade: liberdade, amor, responsabilidade, respeito e apreço, neste contexto, quase se equivalem. O casal vai sentir-se livre diante de si mesmo e diante de quaisquer pressões ou injunções de ordem externa: sociais, culturais, econômicas, políticas... Só o amor-doação, assim entendido, será a norma capaz de impor restrições ou limites. Convém lembrar sempre, como acima foi dito a respeito das "precauções" de Deus em relação ao homem, que esses aparentes limites, de fato, constituem o espaço, o campo, ambiência em que se desenvolve a plena realização do homem e da mulher. São os confins de sua auto-afirmação, propiciando alegria, paz e distensão psicológica.

5. Um amor de tal grandeza e perfeição é incapaz de ficar como *fato isolado* ou esporádico, apenas como uma circunstância fortuita. Amor é irradiação de VIDA, é aperfeiçoamento na liberdade. Ele tende a expandir-se – como riqueza única – enlaçando outras pessoas no seu impulso vital. O amor há de externar-se, atingindo e transformando outras vidas: torna-se fecundo e, por isso, familiar e social. É este amor que cria, funda e sustenta a sociedade e, entre cristãos, garante a estabilidade da própria Igreja. O casal irradia a sua capacidade geradora, participação direta da de Deus, realizando-a na constituição da Família, da Sociedade e da Igreja. É um amor que passa a ser comunitário, "socializante". Não é apenas uma criança, alguns filhos, uma família que está em cena ou em jogo. Joga-se ali o destino da Humanidade, da Igreja!

Ao entender-se assim a reciprocidade-responsabilidade, convém lembrar que é o próprio Deus – UNO E TRINO – que atua através dos pais. Eles são os seus mediadores ou "sacerdotes" da SUA VIDA e riqueza. É Ele que propriamente é FECUNDO nos homens, gerando mais neles do que através deles. Neste seu divino poder, mediado pelo "sacerdócio" dos pais, Deus transmite ao mundo e à História a maravilha de sua harmonia de UNIDADE na eclosão da MULTIPLICIDADE das criaturinhas que vêm à LUZ...

6. O homem só consegue valorizar aquilo ou aquelas pessoas pelas quais se responsabiliza. Valorizar é responsabilizar-se e responsabilizar-se é valorizar. Valorizar é apreciar algo ou alguém pelo que É-EM-SI e não pelo que representa PARA MIM, pelo que ME CUSTA, pelo que ME SERVE ou convém. Tudo isto seriam sub-entrâncias do egoísmo muitas vezes camuflado sob as roupagens de pseudo-amor... Quando Deus confiava ao homem a SUA potência geradora, ou o seu poder de DAR A VIDA, bem sabia avaliar a grandiosidade e seriedade daquela entrega. É como se dissesse: "Dou-vos o que tenho de mais íntimo e pessoal. Sinto-me Pai, Filho, Espírito de Amor em vós

e por meio de vós no mundo e na História. Comunico-vos a minha própria VIDA. Sois um regato que nasceu e depende da FONTE. Sois homem-mulher na bissexualidade que vos complementa, extasia e enriquece para mediardes o nosso mistério de VIDA, a nossa DOAÇÃO sem reserva pessoal, a TOTALIDADE da nossa entrega pessoal para a constituição da UNIÃO e UNIDADE. A vida sempre tem sentido porque promana de nós em vós. Por isso é que se pede: DOMINAI! SUBJUGAI! Não podeis ser dominados ou subjugados por nada, a não ser pelo 'domínio' de um AMOR, do meu, do nosso amor em vós. Só no amor há liberdade e só na verdadeira liberdade há amor!

"Sois RESPONSÁVEIS PELO AMOR DE DEUS que vos cativou! Este amor é a nossa única riqueza, o tesouro a defender contra os embates da paixão, da sexualidade, do prazer em si... Sede, pois, FECUNDOS: fazei desabrochar o encanto da nossa semelhança em vós através da geração de NOVAS VIDAS (não importa quantas) que serão a floração de nossa própria VIDA no sorriso da CRIANÇA que acalentais!"

Também o amor há de evidenciar-se pela VIRTUDE: hábito constante, espontâneo, reprisado sem fastio ou cansaço

7. O amor, por ser de essência divina, é de per si imperecível e eterno. Assim também, a união que se estabelece por causa dele e através dele. (Nem sequer é questionável, do ponto de vista teológico, a indissolubilidade do Matrimônio). Todos os gestos, as demonstrações de amor que não partem desta estabilidade ou que não conduzissem a ela são, pelo menos, questionáveis, ambíguos, equívocos. Serão autênticos gestos de amor ou meras emoções fugazes, impulsos da paixão. Também o amor há de evidenciar-se pela VIRTUDE: hábito constante, espontâneo, reprisado sem fastio ou cansaço. Desta forma, quando o relacionamento de amor conjugal dá origem a uma nova VIDA, jamais poderá ser fruto de circunstâncias, de eventualidades, mas de ATITUDES CONSCIENTES e livres. O filho é fruto do hábito de amar, de enriquecer-se na doação, é prova de atitude perene de amor, transformada em GENTE. Esse filho reflete a múltipla riqueza amorosa dos pais na UNICIDADE do seu ser: "DOIS NUMA SÓ CARNE" – o filho!

8. Apesar de se pensar em controle de natalidade, planejamento ou programação da vida familiar, a paternidade-maternidade responsável exige uma *série de opções*, uma *escolha de valores* que se oponham aos pseudo-valores ou contravalores. Citamos a Dra. Elisabeth KIPMAN:

"Não podemos, portanto, falar de paternidade responsável, no sentido restrito e amplo da palavra, tomando por base *valores transitórios*. O valor da criatura gerada não pode estar subordinado a restrições e distorções do ambiente social ou submetido a uma lei contingente. A única análise possível é pela Fé. De nada servem outros raciocínios. O homem deve ser homem em absoluto e basta. Uma paternidade responsável gera o homem com estas características e *não depende do número de filhos*" (7).

A fé é que orienta essa escolha de valores, partindo da OPÇÃO FUNDAMENTAL em favor do plano de Deus, do bem da Igreja e da Sociedade.

Convém ponderar aqui o que a Carta Encíclica sobre a "VIDA HUMANA" nos diz a respeito: "Em relação com os processos biológicos, *paternidade responsável* significa conhecimento e respeito pelas suas funções; a inteligência descobre, no poder de dar a vida, leis biológicas que fazem parte da pessoa humana.

Em relação às tendências do instinto e das paixões, a *paternidade responsável* significa o necessário domínio que a razão e a vontade devem exercer sobre elas.

Em relação às condições físicas, econômicas, psicológicas e sociais, a *paternidade responsável* exerce-se tanto com a deliberação ponderada e generosa de fazer crescer uma família numerosa, como com a decisão, tomada por motivos graves, e com respeito pela lei moral, de evitar temporariamente, ou mesmo por tempo indeterminado, um novo nascimento.

Paternidade responsável comporta ainda, e principalmente, uma relação mais profunda com a ordem moral objetiva, estabelecida por Deus, de que a consciência reta é intérprete fiel. O exercício responsável da paternidade implica, portanto, que os cônjuges reconheçam plenamente os próprios deveres: para com Deus, para consigo mesmos, para com a família e para com a sociedade, numa justa hierarquia de valores.

Na missão de transmitir a vida, eles não são, portanto, livres para procederem a seu próprio bel-prazer, como se pudessem determinar, de maneira absolutamente autônoma, as vias honestas a seguir, mas devem, sim, conformar o seu agir com a intenção criadora de Deus expressa na própria natureza do Matrimônio e dos seus atos e manifestada pelo ensino constante da Igreja" (8).

III. CONSEQÜÊNCIAS PRÁTICAS

1. Diante das sublimes exigências da paternidade-maternidade responsável, estamos, evidentemente, diante de um ideal elevadíssimo. Esse ideal admite graus e etapas de amadurecimento: físico, psicológico, afetivo e espiritual. Pastoralmente falando, não se pode em nada minimizar a doutrina da Igreja, mas isto estará aliado à caridade, paciência e compreensão de que o próprio Cristo, "autor da Vida" (At 3,15) nos dá o mais sublime exemplo, ao tratar com as pessoas. É preciso ser intransigente com o mal, mas misericordioso e compassivo para com todos os que erram, máxime, não querendo errar" (9).

A paternidade-maternidade responsável não se reduz ao planejamento familiar

2. A paternidade-maternidade responsável não se reduz ao planejamento familiar, mas o implica: "Compete... aos pais decidir sobre o desejável em relação ao número de filhos. É o aspecto mais pessoal da intimidade conjugal, assumido diante de si mesmos, dos filhos já existentes, diante da comunidade e, sobretudo, diante de Deus" (10).

3. Não se pode partir do princípio de que o controle voluntário da fecundidade deve separar a sexualidade da procriação: anular a fertilidade para liberar a sexualidade. Não se trata de um problema como se fora mecânico ou matemático. Está em jogo a própria natureza do homem e da mulher com sua dignidade própria, independente de ser fértil ou não. Há que conhecer e respeitar essa dignidade!

4. "Frente às campanhas antinatalistas (sob o nome de paternidade responsável, do bem-estar da mulher e da criança!) de origem governamental ou promovidas por outros países, proporcione-se às famílias conhecimentos suficientes sobre os múltiplos efeitos negativos das técnicas imperantes nas filosofias neo-malthusianas e proceda-se à aplicação integral das normas éticas, clara e repetidamente enumeradas pelo Magistério.

Para conseguir uma honesta regulação da natalidade, requer-se promover a existência de CENTROS onde se ensinem cientificamente os MÉTODOS NATURAIS, por meio de pessoal qualificado. Esta alternativa humanista evita os inconvenientes

éticos e sociais da anticoncepção e da esterilização que foram, historicamente, passos prévios à legislação do aborto!" (11)

5. Em face do grandioso plano de Deus a respeito da família, a ser seguido e abraçado pela paternidade-maternidade responsável, "a nossa pergunta não deverá ser: quantos filhos devemos ter? Mas, sendo que o ser humano é tão precioso e de tamanho valor, nos perguntamos: será que somos dignos de TER PELO MENOS UM?" (12) Nossa pergunta se amplia: Nosso relacionamento homem-mulher, nosso convívio familiar, favorece ou obstacula a visão e a aceitação desse plano de Deus?

É preciso, também, tirar todas as conseqüências que a Fé nos pede

6. Não basta a visão da Fé. É preciso, também, tirar todas as conseqüências que a Fé nos pede: a vivência de uma autêntica espiritualidade conjugal e familiar, o respeito pela integridade total do outro, um perfeito domínio sobre si mesmo através de uma ascese que nos purifica e aprimora. Cabem aqui as sábias observações da "*Humanae Vitae*":

"Esta disciplina... longe de ser nociva ao amor conjugal, confere-lhe, pelo contrário, um valor humano bem mais elevado. Requer um esforço contínuo, mas, graças ao seu benéfico influxo, os cônjuges desenvolvem integralmente a sua personalidade, enriquecendo-se de valores espirituais: ela acarreta à vida familiar frutos de serenidade e paz e facilita a solução de outros problemas. Favorece a atenção dos cônjuges, um para com o outro, ajuda-os a extirpar o egoísmo, inimigo do verdadeiro amor, enraíza-se no seu sentido de responsabilidade" (13).

7. Para conseguir amadurecer para a paternidade-maternidade responsável, é imprescindível e urgente criar um clima, um ambiente favorável à castidade.

"Queremos, nesta altura, chamar a atenção dos educadores e de todos aqueles que desempenham tarefas de responsabilidade em ordem ao bem comum da convivência humana, para a necessidade de criar um clima favorável à educação para a castidade, isto é, ao triunfo da liberdade sã sobre a licenciosidade, mediante o respeito da ordem moral.

Tudo aquilo que nos modernos meios de comunicação social leva à excitação dos sentidos, ao desregramento dos costumes, bem como todas as formas de pornografia ou espetáculos, deve suscitar a reação franca e unânime de todas as pessoas solícitas pelo progresso da civilização e pela defesa dos bens do espírito humano. Em vão se procurará justificar essas depravações, com pretensas exigências artísticas ou científicas, ou tirar partido, para argumentar, da liberdade deixada neste campo por parte das autoridades públicas" (14).

8. Paternidade-maternidade responsável é um contínuo crescimento a partir do cultivo das virtudes humanas (altruísmo, delicadeza, sensibilidade, respeito, educação dos sentimentos e emoções), passando pelo aprimoramento das virtudes morais (p.ex., ascese, castidade, justiça, prudência, temperança) para desembocar no exercício de virtudes propriamente espirituais e cristãs: fé em Deus e na força dos sacramentos, esperança de localizar-se bem no plano de Deus com o auxílio constante de sua graça, caridade sobrenatural que exprime e desenvolve o amor numa perspectiva de fraternidade entre os próprios esposos, o que é a "*plenitude da Lei*" (Rm 13,10), "*supera todo o entendimento*" (cf Ef 3,18-20) e "*nunca há de acabar*"... nem mesmo na Eternidade (cf 1Cor 13,8).

9. Como é fácil averiguar, pelo exposto, a paternidade-maternidade responsável apela para a santidade dos esposos, a que são chamados por vocação e pela graça do sacramento do

Matrimônio. Pedem-se deles, que seus lares sejam "igrejas domésticas", que *con-sagrem* seus próprios corpos como "templos do Espírito Santo" (1Cor 6,19) e se lembrem da união de Cristo com sua Igreja, de que a vida familiar participa e que reflete (cf Ef 5,31-32).

10. "A Igreja conhece o caminho pelo qual a família pode chegar ao coração de sua verdade profunda. Este caminho, que a Igreja aprendeu na escola de Cristo e da História, interpretada à luz do Espírito, ela não o impõe, mas sente a exigência indeclinável de *propor* a todos sem medo, com grande confiança e esperança, sabendo, porém, que a "Boa-Nova" conhece a linguagem da Cruz. É, no entanto, através da Cruz que a família pode atingir a plenitude do seu ser e a perfeição do seu amor" (15).

"O caminho dos esposos, como toda a vida humana, conhece muitas etapas, e as fases difíceis e dolorosas, que experimentais pelos anos afora, também aí têm o seu lugar. Mas importa dizê-lo em voz alta: jamais a angústia e o medo deveriam achar-se em almas de boa vontade, porque, enfim, não é o Evangelho uma Boa Nova também para os lares e uma mensagem que, se é exigente, nem por isso é menos profundamente libertadora?

A paternidade-maternidade responsável apela para a santidade dos esposos

Tomar consciência de que ainda não se conquistou a liberdade interior, de que ainda se anda sujeito ao impulso das próprias tendências, descobrir-se quase incapaz de respeitar, no momento, a lei moral, num domínio tão fundamental, suscita naturalmente uma reação de aflição. Mas é o momento decisivo em que o cristão, na sua confusão, em vez de se abandonar à revolta estéril e destruidora, acede, na humildade, à espantosa descoberta do homem diante de Deus, um pecador diante do amor de Cristo Salvador" (16).

11. A paternidade-maternidade responsável vai bem além da doação no amor e, mesmo, da transmissão da vida:

"A fecundidade do amor conjugal não se restringe somente à procriação dos filhos, mesmo quando entendido em sua dimensão mais especificamente humana: alarga-se e se enriquece com todos aqueles frutos de vida moral, espiritual e sobrenatural que o pai e a mãe são chamados a doar aos filhos e, através dos filhos, à Igreja e ao mundo" (17). Esta responsabilidade inclui, portanto, a educação da Fé e na Fé para um pleno desabrochar na caridade. Terá de evidenciar para os filhos, mais pelo exemplo do que por palavras, o plano de Deus a respeito deles e o verdadeiro "sentido da vida".

12. A paternidade-maternidade responsável há de levar a família bem constituída a ser apóstola junto a outras famílias em dificuldade, crises ou sem esta visão cristã do amor, da sexualidade e do próprio casamento. Serão, por excelência, os apóstolos da Pastoral Familiar mais sólida e abrangente. Será esta uma dimensão da missão evangelizadora da Família, tão encarecida pela exortação "Familiáris Consortio" e por Puebla.

13. Após todas estas considerações, oportunas, esperançosas e alegres, vem a nossa questão prática mais difícil para o exercício da paternidade-maternidade responsável: como incluir esta visão cristã de amor, de sexualidade, de fecundidade, em ambientes desumanizados pelo erotismo, pela promiscuidade e pela miséria em suas diversas dimensões? É aqui que se localiza o maior papel desafiante da PASTORAL DA FAMÍLIA. Partindo de uma

convicção vivida e testemunhada, há que envolver, contagiar a outros na mesma perspectiva de fé e de vida. Nossa preocupação maior será a de formar *líderes e agentes de Pastoral Familiar* que saibam penetrar em qualquer ambiente, saibam falar a linguagem do Evangelho em qualquer circunstância de opressão ou de comunicação.

Os ideais do Evangelho, de que dimanam os ideais da família, se destinam "a toda criatura" (Mc 16,15). Fará parte da responsabilidade familiar enviar esforços para transformar esses ambientes desumanizados, arrancar as famílias dos traumas da crise, eliminando, quanto possível, a miséria moral e material. Neste seu empenho, a PASTORAL DA FAMÍLIA deverá estar, de modo muito especial, entrosada com as demais linhas da Pastoral, compondo com elas uma organicidade, um plano de "Pastoral de Conjunto"! Não é por ser difícil que não se vai tentar, começando logo. A palavra divina garante: "Para Deus (e para sua causa) *nada é impossível!*" (Lc 1,37)

Neste contexto, a Pastoral Familiar entra no campo da Pastoral Social, cujos objetivos comunga e abraça.

A paternidade-maternidade responsável há de levar a família bem constituída a ser apóstola junto a outras famílias

IV. CONCLUSÃO GERAL

Com nossa contribuição de **cunho teológico**, mais que pastoral e moral, intentamos desfazer o equívoco de que paternidade-maternidade responsável se restrinja ao mero planejamento familiar e, este, ao controle da natalidade.

O Matrimônio, com tudo o que o envolve e enobrece, ao ponto de constituir-se em imagem feliz da "união de Cristo com sua Igreja" (Ef 5,32), decorre do próprio mistério trinitário, como mistério de doação, de amor e vida, que se espelha e se expande na riqueza da vida familiar.

Quem possui idéias evangélicas e cristãs sobre o Matrimônio saberá aliar e distinguir **sexualidade**, amor conjugal, amor FAMILIAR, da **genitalidade** apenas. Sabe-se que a sexualidade e o amor "sacramental" vão incomensuravelmente além.

O que mais responsabiliza os casais é o privilégio de partilharem a **responsabilidade** do próprio Criador, quando os fez "*homem e mulher*" para estamparem, concretizarem, desenvolverem, na História, o SEU mais profundo segredo de intimidade, relacionamento e doação infinitas.

NOTAS

(1) Convém recordar aqui a Homilia n.º 4 de João Paulo II, cit. no Doc. De Puebla n. 581: "Em toda a América Latina, é dado visitar casas onde não faltam o pão e o bem-estar, mas talvez faltem a concórdia e a alegria; casas onde as famílias vivem antes modestamente e na insegurança do futuro, ajudando-se mutuamente a levar uma existência difícil, porém digna; habitações pobres das periferias de nossas cidades, onde há muito sofrimento escondido, embora exista dentro delas a singular alegria dos pobres; humildes choças de camponeses, de indígenas, de imigrantes..."

(2) Cf Discurso de Paulo VI às Equipes de Nossa Senhora em 04.05.1970, n. 6; "Familiáris Consortio", n. 18.

(3) Discurso de Paulo VI, acima cit.: "Este ensinamento conserva hoje todo o seu valor e acautela-nos contra as tentações de um erotismo devastador. Tal fenômeno aberrante deveria, pelo menos, alertar-nos contra o perigo de uma civilização materialista que pressente, obscuramente, neste domínio misterioso, como que um último refúgio de um valor sagrado. Saberemos nós arrancá-lo ao atolamento da sensualidade? Sabemos pelo menos, perante uma invasão cinicamente fomentada por

indústrias cúpidas, julgar os seus nefastos efeitos junto dos jovens. Sem repressão ("barrage") nem recalamento, trata-se de favorecer uma educação que ajude a criança e o adolescente a tomar posse, progressivamente, da força dos impulsos que neles acordam, a integrá-los na construção da sua personalidade, a dominar as forças crescentes para realizar uma plena maturidade tanto afetiva como sexual, a preparar-se com isso para o dom de si num amor que lhes dará a sua verdadeira dimensão, de maneira exclusiva e definitiva".

(4) KIPMANN, Elisabeth - INFANTINO, Vittorio, "Diálogo com o bebê", Ed. Paulinas, SP, 1983, p. 202

(5) *Familiáris Consórtio*, conclusão.

(6) Cf *Gáudium et Spes*, n. 50; *Humánae Vitae*, n. 9

(7) KIPMANN, Elisabeth - INFANTINO, Vittorio, op. cit., p.

200

(8) *Humánae Vitae*, n. 10

(9) Id., n. 28

(10) KIPMANN, Elisabeth - INFANTINO, Vittorio, op. cit., p.

202

(11) Doc. de Puebla, n. 610

(12) KIPMANN, Elisabeth - INFANTINO, Vittorio, op. cit., p.

206

(13) *Humánae Vitae*, n. 22

(14) *Apostólicam Actuositatem*, n. 11; *Familiáris Consórtio*, n.

55

(15) *Familiáris Consórtio*, conclusão

(16) Discurso de Paulo VI às Equipes de Nossa Senhora, Documento cit., n. 15

(17) *Familiáris Consórtio*, n. 28

BIBLIOGRAFIA SUPLEMENTAR

Documentos oficiais:

* Constituição Pastoral *Gáudium et Spes*, in "Compêndio do Vaticano II", Ed. Vozes, Petrópolis, 4ª ed., 1968

* Decreto "Apostólicam Actuositatem", ibid.

* Encíclica "Humánae vitae", de PAULO VI, 25.07.1968

* Discurso de PAULO VI às Equipes de Nossa Senhora, de 04.05.1970, sobre "Sexualidade, Casamento e Amor"

* *A Missão da Família Cristã no mundo de hoje* ("Familiáris Consórtio"), de JOÃO PAULO II, 1981

* *A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina*, Conclusões da Conferência de Puebla, 1979

* SANTO DOMINGO, Conclusões, 1992, cap. II, nn. 210-227

* CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, trad. port., Gráf. Coimbra, Coimbra, 1993, nn. 1652-1658; 2201-2206

Obras:

* CAMPANINI, Giorgio, *Realtà e Problemi della Famiglia Contemporanea*, Ed. Paoline, Milano, 1989

* GASPAS, Maria do Carmo e GOES, A.M., *Amor conjugal e Paternidade responsável*, Ed. Cidade Nova, SP, 3ª ed., 1986

* HEINZMANN, J., *Antes e Depois do Primeiro Amor*, Ed. Paulinas, SP, 1985

* HESS, E., *A sexualidade na educação global*, Ed. Paulinas, SP, 1986

* KIPMANN, Elisabeth e INFANTINO, Vittorio, *Diálogo com o bebê*, Ed. Paulinas, SP, 1983. A última edição vem com o título: *Diálogo com a Vida*

* LEVASSORT, Odila, *A felicidade de amar*, Ed. Cidade Nova, SP, 1986

* PESTANA, Dom Manoel, *Igreja Doméstica*, Ed. Loyola, SP, 1980

* QUINTANA, Mariele, *Educação Sexual aos nossos filhos*, Ed. Cid. Nova, SP, 5ª ed., 1987

* TORRES, Ir. Maria José, *Exercício Humano e Cristão da Paternidade Responsável*, Ed. Loyola, SP, 1980

Endereço do Autor:

rua Esteves Júnior, 447, Centro
88015-530 FLORIANÓPOLIS, SC

A PASTORAL DOS DIVORCIADOS RECASADOS TRÊS MODELOS

Pe. Orlando Brandes

Professor de Teologia Moral

Introdução

A pastoral dos divorciados recasados é complexa, difícil e nova. Aprendemos, no passado, que os casais em novas núpcias estão em estado permanente de pecado, afastados de Deus. Hoje, a situação de tais casais causa compaixão e compreensão, por vermos na Igreja pessoas boas, engajadas, compromissadas, sem poder ter acesso aos sacramentos. Ou, ainda, conhecendo as situações concretas e dolorosas, julga-se que a posição oficial atual da Igreja é demasiado jurídica e legalista para com esses casais. Eles vivem num estado de marginalização em relação aos sacramentos, quando outras pessoas, em situações menos cristãs e mais escandalosas, podem com facilidade e até com ostentação participar dos sacramentos.

Pretendemos aqui desenvolver uma reflexão teológico-pastoral sobre os divorciados recasados, a partir de três modelos de ação pastoral, oferecendo aos agentes de pastoral elementos de reflexão para sua ação apostólica em relação às famílias em situação irregular.

1. A Pastoral da Lei - O modelo clássico

Num passado não muito distante, a situação dos divorciados recasados era determinada pela ótica jurídico-canônica. Assim, esses casais, para a Igreja, viviam na condição de bigamia, adultério, infâmia, excomunhão, concubinato, pecado grave, escândalo. Eram pecadores públicos sem direito a funerais e, se viessem a morrer nesse estado, sem manifestar arrependimento, não podiam salvar-se.

Excluídos, marginalizados, discriminados, só restavam a esses casais três caminhos

Nessas condições não podiam receber os sacramentos, nem ser padrinhos ou exercer ministérios na Igreja. Não tinham nem direito a voto nas Irmandades, como também não podiam sequer exercer a função de organista nas celebrações...⁽¹⁾ Era o total ostracismo. Excluídos, marginalizados, discriminados, só restavam a esses casais três caminhos: obter a declaração de